

**AS VIVÊNCIAS NAS RODAS COMO FUNDAMENTOS DE CIÊNCIAS E
ENCANTAMENTOS**

***LAS VIVENCIAS EN CÍRCULO COMO FUNDAMENTOS DE LAS CIENCIAS Y LOS
ENCANTAMIENTOS***

***THE EXPERIENCES IN A CIRCLE AS FOUNDATIONS OF SCIENCES AND
ENCHANTMENTS***



Cristina Aparecida LEITE
Universidade de Brasília
e-mail: cristinaleite224@gmail.com



Vivian Parreira da SILVA
Universidade Federal de São Carlos
e-mail: vivianparreira6@gmail.com

| 1



Como referenciar este artigo

LEITE, C. A.; SILVA, V. P. da. As vivências nas rodas como fundamentos de ciências e encantamentos. **Revista Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 11, n. esp. 2, e021026, 2021. e-ISSN: 2237-258X. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v11iesp.2.16481>

Submetido em: 20/04/2021

Revisões requeridas em: 19/06/2021

Aprovado em: 17/09/2021

Publicado em: 30/11/2021

RESUMO: Este artigo tem como objetivo partilhar experiências desde as rodas, danças e brincadeiras das culturas brasileiras, reconhecendo estes lugares enquanto espaços potentes para exercitarmos um projeto de educação que valorize e reconheça diferentes saberes. Então, fundamentadas nas nossas trajetórias, experiências e em diálogo com autores, autoras construiremos os caminhos para o diálogo neste trabalho. Sabendo que aprendemos e ensinamos a todo o tempo, em diferentes espaços, e que a vida é oportunidade de compartilhar saberes e experiências, apresentamos aqui algumas reflexões, desde as nossas experiências em educação envolvendo temas como a ludicidade, coletividade, relações étnico-raciais e brincadeiras. Como resultados desta trama tecida a tantas cores, desenhos e possibilidades, desejamos ampliar caminhos para que cada vez mais possamos exercer com responsabilidade nosso fazer pedagógico e que este seja pluriversal, reconhecendo e respeitando a diversidade de saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Rodas. Brincadeiras.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo compartir experiencias de los círculos, danzas y juegos de las culturas brasileñas, reconociendo estos lugares como espacios de gran potencia para que ejerzamos un proyecto de educación que valora y reconoce distintos saberes. Entonces, basado en nuestras trayectorias, experiencias y en diálogo con autores y autoras, construiremos en este trabajo los caminos para el diálogo. Sabiendo que aprendemos y enseñamos todo el tiempo, en distintos espacios, y que la vida es una oportunidad de compartir saberes y experiencias, presentamos aquí algunas reflexiones de nuestras vivencias en educación involucrando temas como lo lúdico, la colectividad, las relaciones étnico-raciales y los juegos. Como resultado de esta trama tejida con tantos colores, diseños y posibilidades, deseamos ampliar los caminos para que podamos ejercer cada vez más con responsabilidad nuestro hacer pedagógico y que este sea pluriversal, reconociendo y respetando la diversidad de saberes.

PALABRAS CLAVE: Educación. Círculos. Juegos.

ABSTRACT: This article aims to share experiences from the circles, dances and games of Brazilian cultures, recognizing these places as powerful spaces for us to exercise an education project that values and recognizes different types of knowledge. So, based on our trajectories, experiences and dialogue with authors, we will build the paths for dialogue in this work. Knowing that we learn and teach all the time, in different spaces, and that life is an opportunity to share knowledge and experiences, we present here some reflections from our experiences in education involving themes such as playfulness, collectivity, ethnic-racial relations and games. As a result of this weave woven with so many colors, designs and possibilities, we want to expand paths so that we can increasingly exercise our pedagogical work with responsibility and that it is plural, recognizing and respecting the diversity of knowledge.

KEYWORDS: Education. Circles. Games.

Introdução

Este artigo é fruto da partilha de experiências de quatro educadoras, a partir da vivência *Danças e Brincadeiras: corpos que aprendem e ensinam* realizada no curso de extensão *Corpo, Formação Humana e Sociedade* no 2º semestre de 2020 por meio remoto,¹ cujas reflexões emergem a partir da aula ministrada no referido curso.

Convidamos as leitoras e os leitores para adentrarem as águas desta experiência que busca confluir caminhos e aprofundar reflexões acerca das danças, cantigas, rodas, brincadeiras e poesia como meios potentes dos processos de aprender e de ensinar em diferentes contextos, impulsionados pela empatia e pela imaginação. Acima de tudo, enfatizando o fazer sem que nos esqueçamos de nós, enquanto corpo (vivido, percebido e sensível) ao nos relacionarmos com o Outro, proporcionando uma alteridade corporal e, assim, um encontro mais acessível entre o ensinar e o aprender.

Tratou-se de uma vivência tecida a quatro mãos, em que os fios se entrelaçam, se imbricam, complementam-se. Apenas para a sistematização da presente escrita é que serão subdivididos em duas mãos. A primeira, de Cristina Aparecida Leite, apresenta os bordados de uma pesquisa desenvolvida no Distrito Federal (DF), cujo nome é Rodas de Brincar. A autora atua como professora-formadora nos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas do DF, os quais são espaços descentralizados de formação continuada de professores da rede pública de ensino, cujos princípios basilares das propostas são atividades potencialmente lúdicas. A segunda, de Vivian Parreira da Silva, traz tessituras da pesquisa: educação jogueira como processo de afirmação da vida, desenvolvida pela educadora em seu doutorado. Cabe dizer que a partir das vivências no Grupo Girafulô², Vívian Parreira da Silva atua como pesquisadora e proponente de vivências fundamentadas nos processos educativos presentes nas rodas de jongo, nos cortejos de congada, nas brincadeiras do cacuriá, samba de coco, dentre outros.

Rodas de Brincar é o nome de um curso de formação continuada de professoras e professores que já foi oferecido para todas as Coordenações Regionais de Ensino da Secretaria de Estado de Educação do DF, desde 2015. Apresenta em seu bojo a busca por despertar no

¹ Esta atividade foi uma iniciativa dos grupos de pesquisa Laboratório de Estudos Corporais – LEC/Unespar e Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagem Corporal e Diversidade – GEPL/UFPA. A vivência *Danças e brincadeiras: corpos que aprendem e ensinam* foi proposta e desenvolvida pelas pesquisadoras: Cristina Aparecida Leite - SEDF, Evanize Kelli Siviero Romarco - UFV, Ivana Bittencourt - UFPA e Vivian Parreira da Silva – UFSCAR.

² O grupo Girafulô, coordenado pela educadora Vívian Parreira da Silva, desenvolve ações de formação e fruição na cidade de São Carlos e região. O grupo tem como objetivo a experimentação, estudo das diversas brincadeiras fundadas na diáspora a saber: Cacuriá, samba de coco, congadas, jongo.

professor e na professora o ser brincante que os habitam, tudo por meio de muitas reflexões e propostas vivenciais. Atravessados pelas experiências às quais são expostos, os professores e as professoras sentem-se motivados a adequar e aplicar as sugestões em suas salas de aula. Assim, conforme vários relatos orais e escritos, os professores e as professoras têm a sua prática transformada. São propostas que envolvem o corpo vívido, pulsante, que se levanta, canta, dança, gira, movendo-se ao brincar.

Nos saberes dançados, os processos educativos ocorrem a partir das interações entre pessoas por meio das danças, cantos, jogos, poesias, brincadeiras especificamente as das danças brasileiras.³ Tem sido por meio da dança e da convivência com comunidades jongueiras, congadeiras, comunidades de terreiro, com as crianças, dançando, brincando, que significamos o mundo e buscamos desenvolver trabalhos voltados à educação, tendo como fundamento as rodas e brincadeiras. Em todas as oportunidades de encontro com mestres e mestras⁴ das culturas populares, aprendemos que podemos ensinar e aprender por meio da dança.

As nossas pesquisas e ações, construídas e vivenciadas cotidianamente, buscam colocar em diálogo aprendizados e saberes acadêmicos relativos à escrita, às análises e aos conhecimentos científicos e os saberes presentes em práticas culturais que trazem a experiência de vida das pessoas participantes, vivenciadas em diferentes danças e brincadeiras.

| 4

Em ambas as pesquisas, a forma circular se faz presente, seja nas brincadeiras propostas, seja nas danças, de forma significativa. O círculo transforma as relações. Nele, não há hierarquias, não existe começo nem fim. Essa noção de plenitude se reverbera pelos corpos que brincam e dançam, fazendo-se presentes, inteiros e plenos durante as vivências. Esse momento de entrega prazerosa ao momento vivido é o que o professor e filósofo Cipriano Luckési (2000) entende como experiência lúdica. Segundo ele:

O que a *ludicidade* traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. Na vivência de uma atividade lúdica, cada um de nós estamos plenos, inteiros nesse momento [...] Enquanto estamos participando *verdadeiramente* de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis (LUCKESI, 2000, p. 41).

As vivências em roda promovem uma sinergia no grupo, em que a ludicidade permeia

³ Cada uma delas tem suas características e especificidades de acordo com as influências africanas, indígenas e europeias. Podemos caracterizá-las por região do país, instrumentos utilizados, épocas em que são dançadas.

⁴ Dentro de um grupo ou comunidade tradicional, como na congada, os trabalhos, a transmissão do conhecimento, os afazeres das festas, os cuidados com as crianças, geralmente, são feitos de maneira coletiva, mas todas as ações são conduzidas, organizadas pelos mais experientes. Dentro destes grupos e comunidades, estes mais velhos são chamados mestres, pois possuem grande experiência e construíram este papel de liderança junto ao grupo.

o momento e se propicia que seja vivenciada coletivamente, de modo a se tornar ainda mais significativa. Presentes nas culturas desde tempos remotos, tais vivências propiciam o olhar, o toque, as interações, fundamentais na busca de uma sociedade mais empática e sensível. Este tear de escritas, fiadas desde as nossas experiências, são parte de nossas caminhadas, cantorias, versos cantados em tantas rodas em diálogo com diferentes pessoas. Queremos enfatizar que, é também nas rodas, tocando, cantando, com pés descalços, lançando versos, no fazer junto com mulheres, homens, crianças, mestras e mestres que nos encantamos, nos reconhecemos, nos fortalecemos e praticamos uma educação encantada, comprometida com os saberes dançados, cantados e brincados. Portanto, é também nas rodas que aprendemos e, neste processo de partilhas, praticamos acolhimentos em diálogo com os saberes da ancestralidade.

Convidamos as leitoras e os leitores a trilharem conosco as possibilidades de uma educação como encanto, fundamentada nos saberes e experiências partilhadas nas rodas. Serão compartilhadas e entrelaçadas à escrita deste texto algumas experiências vivenciadas por nós através de nossas experiências de construir processos de formação a partir das convivências nas rodas, elaborando o relato de experiência de uma aula que ministramos no curso de extensão *Corpo, Formação Humana e Sociedade*.

| 5

Abrindo a nossa roda

*essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós...*⁵

Fundamentadas em nossas trajetórias, experiências e em diálogo com autores e autoras, seguiremos os caminhos para a construção deste trabalho. Sabendo que aprendemos e ensinamos a todo o tempo, em diferentes espaços e que a vida é oportunidade de compartilhar saberes e experiências, seguiremos com a nossa roda aberta, com o nosso canto lançado ao mundo para que de diferentes jeitos possamos construir conhecimentos.

Este artigo foi construído a partir de um relato de experiência sobre a prática compartilhada em uma aula, realizada de modo remoto. O relato de experiência tem o objetivo de descrever e partilhar uma experiência vivida, a qual pode contribuir com a construção de conhecimento na área estudada. Deste modo, o presente relato se apresenta como uma práxis metodológica relevante e com capacidade de colaborar, no caso deste artigo, com a discussão acerca de processos de ensino e aprendizagem no contexto de crise sanitária no qual nos

⁵ Trecho da ciranda *Minha Ciranda* de Lia de Itamaracá. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lia-de-itamaraca/399583/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

encontramos. O relato de experiência apresenta os saberes resultantes de processos coletivos ou individuais, e exhibe experiências situadas em um determinado momento, fenômeno, situação e espaço. Deste modo:

O conjunto dessas análises afiança o Relato de Experiência como uma importante narrativa científica afinada à condição pós-moderna. Trata-se de uma narrativa que, através da linguagem, performatiza a experiência de singularização, atestada em um dinamismo descentrado da razão, e apta a suportar paradoxos. O RE está compreendido como um trabalho de linguagem, uma construção que não objetiva propor a última palavra, mas que tem caráter de síntese provisória, aberta à análise e à permanente produção de saberes novos e transversais. Configura-se como narrativa que, simultaneamente, circunscreve experiência, lugar de fala e seu tempo histórico, tudo isso articulado a um robusto arcabouço teórico, legitimador da experiência enquanto fenômeno científico (DALTRO; FARIA, 2019, p. 235).

O presente artigo alinhavado por palavras/experiências, leituras e memórias, se alicerça também em nossas pesquisas. Cruzando caminhos, nos propusemos a construir conhecimentos desde uma perspectiva descolonizadora, que tem nas rodas sua força motriz para propor diálogo de saberes e processos de criação, tendo como foco principal a educação.

Consideramos que fazer ciência e construir conhecimento é também uma forma de valorizar e de praticar outras epistemologias, lutar contra assimilações, epistemicídios, interdições e contra os impedimentos sofridos por homens e mulheres por quererem existir com suas diversidades culturais. Dessa forma, este trabalho carrega, para além dos alinhavos teóricos e metodológicos, nossa luta em favor das diversas brincadeiras das culturas populares que constituem o Brasil. | 6

Considerando a luta histórica de grupos e comunidades para manterem sua existência, “cada vez mais, faz-se necessário que pesquisadoras e pesquisadores com coragem de reconhecer epistemologicamente as diferenças e os conhecimentos produzidos pelos coletivos diversos, transformados em desiguais, ganhem visibilidade no campo da produção teórica” (GARCIA; SILVA, 2018, p. 10). Com coragem e firmadas nas rodas, seguimos dispostas para a construção deste trabalho, o qual se assenta em diferentes epistemologias que, em diáspora, nasceram e seguem vivas nas lutas e histórias.

A partir da perspectiva da pesquisa da autora Vívian Parreira da Silva, dialogaremos acerca da educação das relações étnico-raciais, a qual também se faz presente na pesquisa de Cristina Aparecida Leite. Para exercitarmos uma educação antirracista, que promova diálogo de saberes, e que positive as culturas de matriz africana, é preciso nos fundamentarmos em múltiplos conhecimentos alicerçados na diáspora africana. É necessária uma reorganização

ética e estética, olharmos e vermos pelas brechas⁶ e nos vãos para enxergarmos outras belezas, outras ciências, outras maneiras de ser e estar em diálogo com o mundo.

No contexto educacional brasileiro, temos políticas públicas resultantes de lutas de movimentos e comunidades. A Lei 10.639/03, que prevê a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras em todas as escolas públicas e privadas foi alterada pela Lei 11.645/08, incluindo as culturas indígenas dentro do campo de trabalhos e educação para as relações étnico-raciais (BRASIL, 2003, 2008). Legalmente, temos amparo e diretrizes para criarmos projetos de educação que reconheçam as culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas.

Entretanto, é importante colocarmos algumas questões, dentre elas uma nos aproxima às reflexões apresentadas em Senghor (1965) conseguimos transcender a política pública e construir conhecimento nos referenciando nas culturas e histórias desde dentro, fundamentadas em outras experiências, perspectivas e saberes diferentes das que o modelo colonizador viabiliza? (SILVA, 2020, p. 35).

Reconhecemos avanços conquistados nos processos em construção e desconstrução. Avançamos na medida em que nos colocamos a repensar nossas práticas educativas, as nossas pesquisas e a construção dos nossos caminhos na elaboração, reconhecimento e valorização de outras epistemologias. Neste caminho, nos fundamentamos nos saberes da diáspora, reconhecendo a luta mantida há séculos por homens e mulheres em favor da vida.

Compreendemos a diáspora africana como movimento e espaço no qual as experiências são vividas e as identidades constantemente re-inventadas.

A palavra diáspora foi tomada por empréstimo da experiência da comunidade judaica, na qual funciona para explicar a dispersão ocorrida com estes povos durante os séculos desde Abraão. Com a palavra diáspora, os intelectuais e religiosos judeus não só classificaram a dispersão, mas também procuraram identificar um tipo de comunidade que embora não estivesse vinculada ao território de Israel, ainda assim preservava um conjunto de características particulares e recriava, em muitos aspectos, as próprias tradições de comunidade judaica. Quer dizer que além de preservarem marcas ancestrais, as comunidades da diáspora judaica re-criaram e inventaram tradições como resultado do diálogo com as diversas culturas envolventes. Do mesmo modo, o conceito diáspora passou a ser utilizado por religiosos, ativistas e intelectuais ligados às tradições africanas e à luta antirracista (TAVARES, 2008/2010, p. 80).

As congadas, capoeiras, candomblés, os cacuriás, batuques, jongs, são territórios de

⁶ Este termo é fundante na prática da Pedagogia das Encruzilhadas, nas Flechas no Tempo e nas Ciências Encantadas das Macumbas por Luiz Rufino e Antônio Simas (2019).

inventividade, de louvação da vida, onde nos reconfiguramos sistematicamente, e nos deslocamos para outros lugares e temporalidades. As culturas da diáspora africana são experiências, maneiras complexas de diálogo com o mundo, são potências de inventividades, de histórias e horizontes de beleza. A diáspora africana se dá a partir e por meio da experiência da escravidão, esta que estampou a nódoa de desumanização que transcende os tempos. A escravidão roubou histórias, aniquilou mundos, corpos, sociabilidades, foi um projeto de morte assentado na violência e na coisificação de milhares de homens e mulheres do continente africano. A escravidão foi e é projeto de poder colonizador com suas bases cravadas no ocidente. O projeto de humanidade que advém destas mesmas bases só pode prever a morte, em diferentes dimensões, de homens e mulheres não brancos. É deste projeto colonial aniquilador que surgimos enquanto seres paridos.

Em diversas práticas culturais da diáspora africana, a construção dos saberes ocorre de maneira coletiva, em que todos e todas aprendem e ensinam em um processo colaborativo entre os participantes. Para os povos africanos, a comunidade está fundida no grupo, é possível observar esta fusão no provérbio: eu sou porque nós somos, e uma vez que são por isso eu sou (TEDLA, 1995).

Considerando as perspectivas africanas fundadas na coletividade e na totalidade, mas sem desconsiderar as individualidades, a dança pode ser compreendida não apenas como técnica, mas a partir de sua totalidade com o mundo, ou seja, no diálogo estabelecido por meio do corpo. Este diálogo denota o pertencimento à comunidade, a luta, a resistência, a existência e a permanência dessas culturas no mundo (FOGANHOLI, 2015).

Podemos perceber que práticas culturais como as congadas, por exemplo, se configuram como práticas sociais que resistem, transformam e educam. As maneiras de aprender e ensinar acontecem a partir de uma totalidade, por meio da troca de experiências entre os mais e os menos experientes (SILVA, 2011). Esta totalidade também está presente no jongo e em outras práticas da diáspora que nos ensinam a partir de fundamentos assentados em valores civilizatórios afro-brasileiros.

Trazer esses conhecimentos para serem compartilhados, divulgados, aprofundados na formação continuada de professores e professoras é uma maneira de aproximarmos de saberes e vivências que nos constituem enquanto povo brasileiro, o qual tem em suas raízes também as influências indígenas e africanas, tantas vezes silenciadas e anuladas pelo processo colonizador. Assim, convidamos os professores e professoras a pesquisarem sobre várias manifestações e, mais que isso, a dançarem conosco, a sentirem no corpo o pulsar das músicas, dos tambores, da percussão. Como proponentes, muitas vezes somos surpreendidas por relatos

de descobertas dos participantes que passam a se sentir mais presentes, mais vívidos após as experiências. Além disso, o Distrito Federal é um verdadeiro caldeirão cultural e, por vezes, temos professores e professoras naturais de várias partes do Brasil e, por isso mesmo, pertencentes a manifestações diversas. Os participantes contribuem com a partilha de suas experiências, as quais se fazem presentes de forma visceral em sua constituição como sujeitos históricos. Dessa maneira, percebemos as rodas se ampliarem, enriquecerem-se e é exatamente esse um dos nossos objetivos: que as vivências em rodas se ampliem, multipliquem-se e tornem-se mais presentes e pulsantes na vida das pessoas, também no espaço escolar formal.

Para além disso, abrir oportunidade para conhecermos brincadeiras de origem africana e indígena é uma maneira de nos debruçarmos sobre nossa própria história, de conhecermos um pouco melhor as infâncias brasileiras, em sua multiplicidade e diversidade.

Brincamos, então existimos: é nas rodas e nas brincadeiras que nos fazemos educadoras

As rodas promovem confluência⁷ de saberes, experiências de vida, ciências que se assentam em corpos, festas, gingas, tambores, sonhos, diversas visões de mundo. Deste modo, com estas escritas tecidas em diversos caminhos e cores, buscamos compartilhar nossa experiência em exercitar uma ecologia de saberes, a qual, conforme Boaventura de Sousa Santos (2010), com quem concordamos, é uma “contra-epistemologia”. Ainda segundo Santos, não se trata de uma tarefa simples e fácil a construção epistemológica de uma Ecologia de Saberes:

A vigilância epistemológica requerida, pela ecologia de saberes transforma o pensamento pós abissal num profundo exercício de autorreflexividade. Requer que os pensadores e atores pós abissais se vejam num contexto semelhante àquele em que Santo Agostinho se encontrava ao escrever as suas confissões e que expressou eloquentemente desta forma: *quaestio mihi factus sum, converti-me numa questão para mim*. A diferença é que o tópico deixou de ser a confissão dos erros passados, para ser a participação solidária na construção de um futuro pessoal e coletivo, sem nunca se ter a certeza de não repetir os erros cometidos no passado (SANTOS, 2010, p. 66).

A construção de uma epistemologia para práxis de uma ecologia de saberes requer a

⁷ Este conceito é de Santos (2015), ou Nego Bispo, como também gosta de ser chamado. De acordo com Nego Bispo, é importante exercitarmos a confluência das nossas experiências. Para isso, precisamos transformar nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências. Isso possibilita confluirmos, ou seja, dialogar saberes sem nos anularmos para assimilar ou sermos assimilados. É uma cosmo-sensação alicerçada nos saberes dos povos originários, dos povos quilombolas e afro-pindorâmicos. “Confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual” (SANTOS, 2015, p. 89). Para saber mais ver o livro “*Colonização, Quilombos modos e significados*”.

solidariedade em reconhecer os erros e nos colocarmos como parte deles, mirando o horizonte da humanização para a transformação. Se, historicamente, as culturas do outro lado da linha são assimiladas e desqualificadas pelo projeto do norte global, nos cabe, a partir de nossas pesquisas junto a grupos e comunidades, nos esforçarmos para a reinvenção de nossa prática educativa. Para isso, não precisamos negar o conhecimento europeu, mas buscarmos os conhecimentos do Sul⁸ para o foco de reconhecimento. Nossas pesquisas devem assumir o lugar de luta para uma reinvenção das maneiras e caminhos de construir conhecimentos a partir de nossas existências, com aprendizados ancorados nas nossas realidades. Vivemos em constante aprendizado, estamos em ação – reflexão – ação, em busca de exercitar e praticar o inédito viável para cumprirmos nossa vocação de sermos mais, como nos orienta Freire (1996). Consideramos a oportunidade da escrita, da pesquisa e da docência partilhada como tempo e espaço para sentirmos e percebermos o mundo de outros jeitos.

Os conhecimentos fundados nas culturas da diáspora africana configuram-se como saberes de comunidade enraizados e projetados na ancestralidade, na memória, na corporeidade, e na tradição, ou seja, saberes que contribuem para a manutenção da tradição e garantem sua transmissão de geração a geração.

Dessa forma, convidamos para a roda todos aqueles e aquelas que, historicamente, vivem de maneiras e por experiências distintas, abrindo caminhos para que a roda, a ginga, a brincadeira, o jogo, a dança, o tambor, a música, a poesia, o verso, os afetos, o convívio e a comensalidade sejam valorizados enquanto saberes que estruturam conhecimentos e, portanto, devem ser reconhecidos, respeitados e praticados. Estes saberes podem, sem dúvida, nos ajudar na prática de uma educação *para e com* a diversidade.

| 10

⁸ Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Meneses (2021) organizaram o livro com o título: Epistemologias do Sul, esta obra nos apresenta uma série de textos de diversos autores e autoras que problematizam e trazem à luz discussões e reflexões acerca de outras epistemologias e conhecimentos. O livro é uma referência na qual nos baseamos para dialogar acerca dos saberes fundamentos desde o nosso lugar, o sul em contraponto ao norte, que historicamente se reivindica global, hegemônico e única fonte de conhecimentos. Portanto, dialogamos com Santos e Meneses (2010) a partir desta ideia de reconhecermos outros saberes, sobretudo os conhecimentos assentados no hemisfério sul.

As rodas se ampliam e reverberam: nossas experiências no curso de extensão “Corpo, Formação Humana e Sociedade”

Foi o desenvolvimento das referidas pesquisas e os pontos que as conectam que forneceram condições para que fôssemos convidadas a ministrar uma aula durante o curso de Extensão: **Corpo, formação humana e sociedade**, organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagens Corporal e Diversidade/GEPL/UFPA e Laboratório de Estudos Corporais/LEC/Unespar, em que ficamos responsáveis pelo módulo: Danças e brincadeiras – corpos que aprendem e ensinam.

Interessante destacar que foi o convite para essa participação o responsável pelo encontro entre as quatro pesquisadoras que, até então, não se conheciam (e ainda não se conhecem presencialmente). Cabe ainda dizer que vivemos hoje no Brasil uma crise sanitária que tem nos desafiado enquanto educadoras no que diz respeito às nossas práticas educativas. Este encontro distanciado nos possibilitou cruzar caminhos, tecer ideias e construir coletivamente uma proposta para atuarmos no referido curso.

Recebemos, pois, o desafio de nos conhecermos, como pessoas, cada uma com seu percurso profissional e acadêmico, cada uma de um lugar diferente do país. Mas o desafio não era só esse. Era trazer para a vivência, de forma remota, aquilo que nos move a fazer ao vivo, na presença e com presença. Como transpor para a tela fria aquilo que é tão vivencial? Seria possível? Essas são perguntas que nos movem e nos motivam a dialogar experiências.

Outro desafio foi equilibrar as forças de quatro mulheres pesquisadoras para que a aula fosse planejada a partir de quatro pesquisas diferentes, de maneira que o encontro ficasse balanceado e que cada uma pudesse trazer um pouco de sua experiência. Foi pela proximidade entre as pesquisas que percebemos que, no quarteto, poderíamos ter duas duplas, dois momentos na aula, dois textos finais.

Foram feitas reuniões, sempre regadas a muito riso e descontração. Um feliz encontro que este momento pandêmico nos permitiu vivenciar. Dessa maneira, pautamos nosso planejamento com os princípios da docência compartilhada, a qual é uma postura de vanguarda frente ao conhecimento, pois permite a partilha de saberes de forma colaborativa, em que os encontros ficam enriquecidos pelas experiências de mais de uma professora-formadora. Apresenta-se como uma concepção recente no Brasil, com poucas publicações sobre o tema, mas que percebemos acontecer em alguns momentos na trajetória docente, especialmente na educação Especial e na Educação Infantil. Nas outras etapas de ensino, na mais das vezes, o trabalho do professor e da professora é solitário, com participação em alguns projetos coletivos, vez ou outra. Contudo, na hora de estar em sala, é o docente e seus alunos, apenas. Uma prática

pautada pelos princípios da interdisciplinaridade poderia ser promovida se houvesse dois ou mais formadores em uma mesma sala de aula, mas dificilmente, tem-se dois professores. Quatro então... é quase impensável. O momento de pandemia, porém, também pode mostrar a força e a necessidade que temos ao trabalhar colaborativamente. Ter alguém com quem partilhar uma aula, desde o planejamento até a execução e avaliação pode ser um presente, a depender da postura dos envolvidos. No nosso caso, foi assim. A junção de várias mãos, várias portas de saberes, muita partilha. O protagonismo de quatro professoras pesquisadoras ao mesmo tempo, que, enquanto ensinávamos, aprendíamos com nossas parceiras, constituindo um espaço de formação mútua entre nós mesmas, a princípio, mas que iria reverberar em nosso planejamento e, conseqüentemente, na aula a ser ministrada. Para Lopes e Costa (apud CAUSSI, 2013, p. 23):

Falar da docência compartilhada [...] é falar do encontro humano nas práticas colaborativas que são fundamentais para o desenvolvimento do trabalho em equipe, cujo desejo perpassa pelo autêntico encontro do “eu-tu”, nas relações humanas e na construção do conhecimento.

Trata-se, pois, de uma forma inovadora de se pensar e oferecer uma aula: de maneira colaborativa, com compartilhamento de saberes entre as professoras envolvidas, o que muito pode somar à experiência, tornando-a exitosa. Foi assim que percebemos que a nossa aula foi recebida, por manifestações orais expressas no momento da aula e por alguns registros no *chat*, cuja autoria será preservada:

Vocês alegraram minha tarde. (Participante 1)
Foi excelente, meninas (Participante 2)
Estão todas de parabéns. Um dos encontros mais ‘vivos’ que participei durante as *lives* da quarentena eterna. (Participante 3)
Trouxe alegria pro meu coração (Participante 4)

Como alcançamos esses resultados expressados pelos participantes? Vamos para o próximo giro...

As rodas nas telas...

Como mencionado anteriormente, esta experiência se refere à uma aula partilhada por quatro educadoras. Por questões metodológicas e temáticas, esta aula foi dividida em dois momentos. Em cada momento uma dupla ficou responsável por conduzir os trabalhos. Cabe ressaltar que as/os cursistas que participaram da aula foram os/as mesmas em todos os momentos de atividades, e as quatro professoras-formadoras estiveram presentes durante todo o período e participaram de todas as propostas. Para iniciarmos a atividade, apresentamos partes

de imagens para suscitar interações por meio das interpretações e, somente após as falas, sentimentos e observações feitas pelas pessoas que participaram, revelávamos a imagem completa. Cristina Aparecida Leite trouxe duas:

Figura 1 – Professores em roda para percussão com copos



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Figura 2 – Professores em roda para gravação de atividade de cirandas



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Vivian Parreira da Silva trouxe outras duas:

Figura 3 – Saia Girafulô



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Figura 4 – Caixas do Divino



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Este processo de apresentar as imagens foi um ponto em comum entre as propostas apresentadas pelas duas duplas de educadoras, olhar, perceber, rever, colocar sentido, ir ao encontro do que as imagens podem nos remeter foram questões consideradas relevantes e importantes neste processo de partilha de saberes. Interessava-nos compreender e ouvir o que as imagens, de contextos distintos, porém todas entrelaçadas pelo universo dos processos criativos, suscitavam nas pessoas presentes. A partir de um ponto de vista pudemos tecer compreensões, sensações, percepções que se complementam quando apresentadas em coletividade na roda.

As imagens apresentadas levaram um pouco do universo de atuação das pesquisadoras que tecem estas escritas. Cores, chita, alegria, aglomeração, pertencimento. Como transpor estes universos para a tela? Foram necessárias muitas reuniões, reflexões e experimentações. Esta experiência educacional que estamos vivendo no Brasil devido ao contexto de pandemia ainda é muito nova e apresenta inúmeros desafios e necessidades de adaptações. Como educadoras pesquisadoras que somos, caminhamos entre dúvidas, expectativas e muitas incertezas com relação a como poderíamos partilhar nossas experiências, que são forjadas nos

encontros, abraços, partilhas, cantos, danças e brincadeiras, neste formato à distância pela tela do computador.

Considerando as limitações de realizar atividades presenciais, encaramos este desafio como oportunidade para seguirmos os caminhos de criar a partir de nossas experiências. As rodas nas telas foi um desafio que nos ensinou sobre o nosso fazer pedagógico. Apesar de não termos as condições ideais, não nos furtamos da tarefa de partilhar e construir conhecimentos. Não queremos buscar justificativas para substituir uma experiência por outra, ou seja, seguimos acreditando na presença como condição importante para a troca desde as rodas, entretanto, não deixaremos de construir e vivenciar processos educativos. Interessa a nós ampliar as possibilidades e fortalecer os debates acerca da educação como radical de vida. Para este exercício, partilhamos alguns pontos deste caminho que seguirá em permanente construção e reconstrução.

Para envolver os participantes, selecionamos a história: As Cantigas de Lia, da escritora e ilustradora Rosinha, que foi contada coletivamente pelas quatro formadoras e que trazia diversas canções da tradição brasileira. Este processo de contar a história a quatro vozes nos possibilitou fortalecer os vínculos, aprofundar a confiança na docência compartilhada. Propor um trabalho coletivo nos coloca diante de desafios, assim como nas rodas, todas as pessoas são fundamentais para que a brincadeira aconteça, para que exista a música, a dança, o verso, o movimento. E assim continuamos nos desaguando nesta experiência de partilha e reconhecimento do trabalho coletivo como caminho fértil para a educação. Como diz a cantiga: *essa ciranda não é minha só ela é de todos nós, ela é de todos nós*. Sabendo que a aula era nossa roda, sempre a girar, sem parar, ela nos colocou no centro, nos voltou para exercitamos os saberes que as rodas nos oferecem, os saberes de nos reconhecermos como parte que compõe o todo.

Enquanto isso, pedíamos aos participantes, que também são parte da roda, que escrevessem no *chat* as músicas que lembravam a sua infância. Que repertório rico foi sendo constituído! Terezinha de Jesus, Ciranda Cirandinha, A canoa virou, Dona Aranha, dentre tantas outras. A história seguia seu curso, ao som de muita cantoria e o ruflar do tambor.

Convidamos a dançar conosco, pois não basta teorizar sobre a importância do movimento. É necessário experienciar e, assim, foram selecionadas atividades com esse objetivo. Uma delas, acompanhada por uma música cuja letra é composta de uma só palavra, é

“Merequetê”⁹

O encontro seguia cantante e encantante, trazendo quadrinhas ou versinhos como também são conhecidas essas estruturas poéticas que tanto se fazem presentes na cultura oral brasileira. Para finalizar a troca de experiências, uma roda de coco ao som de quadrinhas que eram jogadas ao vivo e também pelo *chat*.

Algumas considerações...

*Eu vou me embora o que me dão para levar? Levo saudades suas no caminho eu vou chorar....*¹⁰

Chegar aqui nos permite tecer mais alguns fios deste emaranhado de sensações e experiências. Foi importante notar o quanto crescemos e nos desafiamos com este trabalho, sentir o quanto possuímos de habilidade para nos adaptar às mais adversas situações. É o que este momento de pandemia nos coloca e nos desafia a fazer e, de certa maneira, conseguimos perceber que muitas propostas podem se fazer possíveis também intermediado pelas telas. Entretanto, é importante ressaltar que a presença, o encontro, com as pessoas dando mão com mão, olhando olho no olho, sentindo os cheiros, a energia trocada não pode ser substituída. O que queremos destacar aqui é que podemos praticar outros tantos jeitos de aprender e ensinar, mas as presenças e as partilhas são fundamento de nossas culturas afro-diaspóricas, das rodas, das brincadeiras e é o que nos move para alinhar este processo.

Os encontros virtuais, por ora, permitem que, mesmo distantes, continuemos girando a roda. Tais encontros tem nos ensinado a ampliar os sentidos para exercitarmos processos educativos, mas nos desafiam a buscar caminhos para mensurarmos o quanto realmente as pessoas estão se envolvendo com as vivências remotas. Na verdade, nos leva a reconhecer a importância dos nossos encontros presenciais, cheios de vida, de pessoas inteiras, entregues ao momento vivido. Não estamos buscando contrapor ou escolher um em detrimento de outro, buscamos pontuar apenas que as tecnologias nos permitem os encontros à distância, colaboram para que possamos seguir os caminhos, mas destacamos e defendemos o quão importante é podermos ocupar os espaços de corpo presente. Não podemos desconsiderar o contexto de crise sanitária que estamos vivendo; no entanto, precisamos nos lembrar da importância dos encontros presenciais, das rodas e partilhas que promovem saberes e fazem circular

⁹Atividade corporal cuja origem parece ser de algum país latino, que busca propor atividades a partir do movimento das articulações, dentre outros a serem criados pelos participantes da proposta.

¹⁰ Trecho de ponto de jongo cantado pelo grupo Filhos da Semente da cidade de Indaiatuba- SP.

experiências de vidas distintas que se potencializam nestes e com estes encontros.

Salientamos que esta roda não se finda, ela segue girando, vai ganhando outros espaços, novas experimentações, novas cores, alinhavos, versos e sabores. Enfatizamos nossa crença em uma educação para a vida. Uma educação que possa ser partilhada e vivida nas brincadeiras, nos versos, histórias, poesias, afetos. Ao acreditar em uma educação que promove vida, nos comprometemos com um fazer pedagógico que seja pluriversal e que reconheça e respeite a diversidade de saberes.

Assim, seguimos partilhando saberes desde as rodas. Desejamos que a experiência apresentada neste artigo possa ser inspiração, potência e possibilidade para outras inventividades pedagógicas. Brincamos, cantamos, dançamos, contamos histórias, demos risadas e assim construímos conhecimento forjado nas ciências do encanto, da partilha e do afeto. Acreditamos que estes conhecimentos são chave para ampliarmos caminhos e enxergarmos além do que hoje as telas nos mostram.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Leis e Decretos. Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 22 maio 2021.

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 2 maio 2021.

CAUSSI, J. R. **Docência compartilhada nos Anos Iniciais do Ensino fundamental de 09 anos.** 2013. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/88077>. Acesso em 6 maio 2021.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451859860013>. Acesso em: 19 jul. 2021.

FOGANHOLI, C. **Educar e educar-se na diversidade:** Uma relação com as danças das culturas populares no Brasil e em Moçambique. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, M. F.; SILVA, J. A. N. (org.). **Africanidades, afrobrasilidades e processo (des)colonizador**: contribuições à implementação da Lei 10.639/03. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. 407 p. ISBN: 978-85-237-1340-9.

LEITE, C. A. **Rodas de Brincar**: Uma proposta com atividades lúdico-corporais junto aos professores-formadores das Oficinas Pedagógicas do DF. Curitiba: Editora CRV, 2019.

LUCKESI, C. **Educação, Ludicidade e prevenção das neuroses futuras**: Uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. Salvador: UFBA, 2000.

ROSINHA. **As cantigas de Lia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos**. Modos e Significados. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, V. P. **Do chocalho ao Bastão**: Processos Educativos do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito – Uberlândia-MG. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2011.

SILVA, V. P. **Jongo na escola**: contribuições para e na educação das relações étnico-raciais. 2020. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

TAVARES, J. C. Diáspora africana: a experiência negra de interculturalidade. **Cadernos Penesb**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 77-86, jan./jun. 2008/2010.

TEDLA, E. **Sankofa, african thought and education**. New York: Peter Lang, 1995.

Sobre os autores

Cristina Aparecida LEITE

Professora-formadora no Centro de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Vivian Parreira da SILVA

Doutora em educação pela Universidade Federal de São Carlos.

Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.
Correção, formatação, normalização e tradução.